

FRYE, Northrop. *A Imaginação Educada*. Tradução de Adriel Teixeira, Bruno Geraidine e Cristiano Gomes. Campinas, São Paulo: Vide Editorial, 2017.

JOÃO MARIO NASCIMENTO ROCHA

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

E-mail: joaomarionrocha8@gmail.com

Frequentemente celebrado como um dos mais importantes teóricos e críticos literários do século XX, tendo inclusive sido chamado por Harold Bloom de “o principal estudante vivo da literatura ocidental”, além de ter sido o teórico literário mais citado dos anos 70, Northrop Frye alcançou o reconhecimento internacional primeiramente em 1947, quando publicou seu estudo que levou à reinterpretação da poesia de William Blake. Porém, seu status como um dos maiores na área dos estudos literários viria 10 anos depois, com a publicação, em 1957, de seu mais famoso livro, *A Anatomia da Crítica*, que buscou sistematizar o estudo literário através do esclarecimento de todas as leis que operam na literatura, e que contou com uma célere tradução para o português pela editora brasileira Cultrix, no mesmo ano de publicação do original canadense.

Publicado em 1963, como uma transcrição das palestras que Northrop Frye dera no ano anterior para a corporação de emissoras de rádio do Canadá (CBC), o livro *A Imaginação Educada* é considerado um ponto de introdução na obra de Frye, já que o público alvo que o autor tinha em mente quando preparou as palestras não era apenas a comunidade acadêmica, mas a população canadense em geral, o que se reflete no tom didático do livro.

A tradução para o português, utilizada nessa resenha, foi a primeira no Brasil, lançada pela editora Vide Editorial, que atua desde 2003 produzindo, sobretudo, edições de livros de pensadores de anglófonos de direita, e foi feita pelos tradutores Adriel Teixeira, Bruno Geraidine e Cristiano Gomes, sobre os quais consta pouca informação disponível. Essa edição de 2017 trouxe algumas poucas notas editoriais, que visam principalmente esclarecer possíveis confusões que venham a surgir das diferenças

culturais entre o Brasil e o Canadá da década de 60. Conta também com traduções dos poemas que Frye traz como exemplos. Ao longo de uma leitura comparada com o texto original, não percebi erros de tradução óbvios, ainda que algumas construções lexicais de Frye fiquem um tanto mais claras em seu sentido no original.

O objetivo central do livro é fazer uma defesa do ensino literário, abordando questões quanto à sua importância, a forma como deve ser feito o ensino, sua função na sociedade, e como o ensino literário vai se relacionar com o conceito de “imaginação” que o autor expõe. No Brasil, quem abordou esse assunto de maneira um tanto similar foi Antônio Cândido, com seu texto *O Direito à Literatura*, que difere da obra de Frye por enfatizar o problema do acesso à literatura, além de abordar o tema de uma perspectiva mais sociocultural.

Considerando que cada capítulo corresponde a uma palestra dada separadamente, mas cujo conteúdo complementa uma a outra, cabe fazer aqui um resumo das conclusões que Frye alcançou em cada uma delas.

De início, Frye pensa ser necessário diferenciar entre três tipos de linguagens que utilizamos no dia a dia, para então poder responder às perguntas que ele apresenta no primeiro capítulo. São estes:

1. A linguagem da consciência ou perceptividade: Linguagem do mundo como ele é, que utilizamos para dar nomes às coisas. Produz apenas conversa corriqueira;
2. A linguagem do senso prático: Linguagem da nossa participação social, de gestos e verbalizações, que utilizamos na nossa participação social para mudar a natureza e o ambiente que nos rodeia. Produz informação;
3. A linguagem da literatura: Linguagem da imaginação, do “mundo que gostaríamos de ter”. Produz primariamente poesia.

É desse terceiro tipo de linguagem que o autor se ocupará, já que é com ela que a literatura trabalha para construir sua estrutura visionária. A linguagem poética nesse sentido tem um potencial de nos mostrar um mundo completamente absorvido e possuído pela mente humana, que tem a tendência de se associar e se identificar com o que ocorre fora dela. Isso explica a tendência da literatura de utilizar figuras de linguagens, o que remete ao título do capítulo, *O Motivo da Metáfora*, que Frye emprestou do poema homônimo do modernista Wallace Stevens.

Posto isso, Frye discorrerá, no capítulo seguinte, sobre como isso se deu ao longo da história. Essa tendência de identificação descrita acima acaba criando metáforas dos objetos que encontramos no espaço, e mitos das relações que se desenvolvem no tempo. Mitos tendem a se juntar para formar mitologias, e isso porque mitos são convencionais, ou seja, um mito inspira outro, da mesma maneira que, na nossa cultura atual, um romance inspira outro.

Levando isso em conta, Frye não aceita o conceito um tanto romântico de que a produção literária seria o fruto de uma inspiração criativa única em si própria, como se cada obra da literatura fosse única e desvinculada de outras obras que a precederam. Afirma ele que “O desejo de um escritor de escrever só pode vir de uma experiência prévia com a literatura, e ele vai começar imitando aquilo que tenha lido” (p. 34).

Frye nos leva assim a uma reflexão sobre o conceito de convenções literárias, que surgiram no ocidente com o gênero dramático na Grécia Antiga, e que foram primeiro comentadas por Aristóteles em sua *Retórica* e *Poética*. Frye as descreve como sendo “maneiras típicas de se contar uma história” (p. 34), correspondendo aos modos trágico, cômico, satírico e romântico. (*A Anatomia da Crítica* dedica grande espaço para a discussão de cada um desses modos literários). Frye vai ainda além, sugerindo que essas convenções representam episódios na história da própria literatura. A seu ver, toda literatura conta uma grande história cíclica – “A história da perda e reconquista da identidade” (p. 24), que pode ser observado, por exemplo, no ciclo da jornada do herói, repetida em diversas tradições literárias, mas que para Frye, pode ser vista em sua forma mais completa na história bíblica da Queda do homem, expulso do paraíso, seu lar legítimo, e seu eventual retorno a um reino divino.

O terceiro capítulo vai se ocupar com uma discussão do chamado “simbolismo literário”, para responder à pergunta “Que tipo de realidade está presente na literatura?”. Remetendo à *Poética* de Aristóteles, Frye afirma que encontramos na literatura exemplos gerais que convidam o leitor a responder ao que lê de maneira imparcial, já que a literatura está preocupada com o universal. “Não é a função do poeta informar-nos o que aconteceu, mas o que acontece. Ele não nos conta aquilo que se deu, mas aquilo que se dá sempre” (p. 55). Com isso, ele pode concluir que a literatura está preocupada com a chamada “ação simbólica”, que os personagens literários ou mitológicos são figuras típicas, e que o mundo da imagem poética é “totalmente simbólico” (p. 66).

Na literatura, isso pode ser observado na tendência das obras literárias de se referirem a outras obras, além da maneira como o autor demonstra estar ciente do lugar que ocupa no todo da literatura, o que nos leva a considerar o estudo da literatura como tendo um elemento progressivo, já que “não apenas lemos poemas ou romances um após o outro, mas entramos em um mundo completo do qual cada obra literária faz parte” (p. 60). Disso tiramos que, quanto mais obras lemos, melhor somos capazes de generalizar a partir da nossa experiência da literatura, que com seu “encorajamento da tolerância” contribui para o refinamento de nossas sensibilidades, o que “nos permite tirar as coisas do alcance da ação e da crença”, já que “na imaginação, as nossas próprias crenças são simples possibilidades, e ainda enxergamos as possibilidades das crenças alheias” (p. 68).

O capítulo discutido acima é intitulado “Gigantes no tempo”, frase esta que vem da grande obra de Marcel Proust, *Em busca do tempo perdido*. A ideia que está contida nessa frase é a de que, quando dependemos apenas da experiência comum para nos guiarmos na vida, olhamos para a vida apenas como uma sucessão de momentos fugazes. É a partir da representação metafórica na literatura, que transforma a experiência comum em algo universalmente reconhecível, que podemos olhar para a vida como se fôssemos gigantes no tempo.

Adiante, Frye vai dedicar o quarto capítulo, “As chaves para a terra dos sonhos”, a uma discussão sobre o que se espera tanto do autor quanto do leitor nessa relação entre ambos que se estabelece no processo de leitura, já que em suas palavras, “São necessários dois poderes na literatura [...] um poder de criar e um poder de entender” (p. 91).

Requer-se de um escritor que ele vá além da autoexpressão, pois como já vimos, isso é apenas o primeiro nível da linguagem, da mera descrição do mundo como ele é. O que se espera de um autor, portanto, é que ele seja imaginativo. Para isso, ele tem que ser maior que a vida, já que “o mundo da literatura é um mundo onde não há realidade senão a da imaginação humana” (p. 85).

Já de um leitor, se requer que ele entenda a experiência da literatura. Frye afirma que devemos ter uma visão verticalizada da literatura, onde a metade superior corresponde aos modos romântico e cômico, que representam na literatura mundos sublimes e que gostaríamos que se aproximassem do nosso, uma vez que nos dão uma sensação de absorção e não distanciamento (o chamado *ethos* da *Retórica* de Aristóteles). Enquanto que a metade de baixo corresponde aos modos trágico e satírico ou

irônico, nos quais sentimos um distanciamento do mundo representado (causado pela expressão do *pathos* na narrativa, também de acordo com Aristóteles). Conforme o leitor se torna mais capacitado em suas leituras, ele se torna capaz de lidar não apenas com o sentido literal e alegórico das obras, mas entra também nessa dimensão ética da literatura, que se relaciona diretamente com nossas emoções. Nesse sentido, o leitor é elevado a um ponto de vista em que se torna capaz de visualizar “[...] a expressão da imaginação humana em sua extensão completa conforme ela mesmo se vê” (p. 89).

Estando descrita sua teoria da literatura, Frye reserva o restante do livro para discussões dos aspectos sociais da literatura. No quinto capítulo, ele vai oferecer uma “orientação na questão de como ensinar literatura, especialmente às crianças” (p. 95). A questão mais importante que ele nos traz nesse capítulo é a de que precisaríamos de mais teorias que elucidassem os conceitos simples e fundamentais com os quais deveríamos começar o estudo da literatura, pois como vimos, “A literatura vem na sequência após uma mitologia”, sendo que o “mito torna-se o princípio estruturante dela [literatura]” (p.95). Dessa maneira, tais conceitos a serem ensinados podem ser encontrados em sua forma mais completa na Bíblia cristã, e em um formato mais fragmentado e, portanto, mais claro, na mitologia clássica grega, sendo que no argumento do autor, essas duas mitologias devem entrar na mente do leitor o mais cedo possível, ainda que, para os propósitos que Frye tem em mente, tal ensino nas escolas deva ser feito por alguém com um “apurado senso da estrutura literária” (p. 97). A função desse ensinador seria a de “transferir a energia imaginativa da literatura para o estudante” (p. 112), sendo que Frye afirma ser isso também a maior parte do trabalho crítico.

80

Frye, no último capítulo do livro, vai buscar esclarecer qual a função da literatura para além do prazer que ela proporciona. Sua primeira sugestão é de que a literatura pode educar a imaginação:

A literatura fala a linguagem da imaginação, e os estudos literários devem treinar e aprimorar a capacidade imaginativa. Mas usamos a imaginação o tempo todo: ela participa das nossas conversas, da nossa vida prática [...]. Assim, só nos resta escolher entre uma imaginação mal treinada e uma imaginação bem treinada [...] (p. 116).

Com isso, ele aponta para o fato que a imaginação, como a intermediária entre as emoções e o intelecto, proporciona a base para a vida social. A imaginação educada, por exemplo, sabe como interpretar a publicidade e a propaganda: “Nossa reação

à publicidade é, na verdade, uma forma de crítica literária” (p. 119). Sensitividade ao uso de palavras, libertação dos clichês, é apenas possível para pessoas que usam sua imaginação. E já que a imaginação educada é uma necessidade da vida em um mundo político, o estudo da literatura que resulta na educação da imaginação não é apenas uma “realização elegante”, mas uma maneira de entrar em uma “sociedade livre”.

O leitor desse livro encontra um argumento muito convincente, não apenas em favor da importância da literatura na vida social, mas também pela necessidade de termos uma visão estruturalista da literatura, tendo em mente a forma da produção artística contínua que ela tomou ao longo da história. Porém, com o advento da teoria francesa na academia nos anos 80, que deu maior espaço a entendimentos estruturalistas da literatura que diferem da teoria de Frye por se preocuparem mais com um estudo programático das estruturas narrativas e da linguagem, a reputação de Frye acabou tendo um eclipse prematuro na comunidade acadêmica internacional. Uma consequência dessa falta de contato que viemos a ter com a obra de Frye é a distorção de suas posições ideológicas, sendo que os comentários que são tecidos sobre sua obra desde então refletem uma tentativa equivocada de pintá-lo como um conservador, tanto por partidários de tais posicionamentos ideológicos quanto por seus adversários, como se o que Frye defendesse fosse apenas uma preservação de um cânone literário em ruínas.

81

Na verdade, Frye acreditava no conceito de uma educação liberal como caminho para a libertação de uma sociedade, educação essa que se basearia na literatura e nas formas e mitos que a compõem. Também acreditava que a formulação de uma anatomia da literatura nos revelaria uma unidade do espírito humano conforme ele está disposto nas formas da imaginação, e considerava indispensável estabelecer uma continuidade ligando a criação humana a todas as esferas da vida.

É por esses motivos que o pensamento de Frye merece um espaço maior do que o que ocupa hoje em dia no cenário acadêmico. A repressão que seu pensamento sofreu por parte da esquerda intelectual acabou restringindo a discussão da obra de Frye a círculos intelectuais formados por ideólogos da direita. Devemos suspender as divergências ideológicas que surgiram com a polarização política para que, assim, possamos travar um diálogo genuíno com o pensamento de Frye, que se mostra rico em perspectivas teóricas que ajudariam a equilibrar a influência do pós-estruturalismo nas universidades.

Nesse sentido, ainda que o atual movimento brasileiro de tradução de sua obra seja algo a ser celebrado (mais ainda quando vemos que não há uma tradição internacional forte de tradução das obras de Frye, tendo sido traduzidas apenas para o turco, o japonês, o italiano e o português), é necessário levar em conta para que tipo de leitor a obra de Frye está sendo traduzida hoje. Deveríamos aproveitar esse entusiasmo tradutório da obra de Frye no Brasil para pensarmos em possibilidades de trabalharmos com livros como *A Imaginação Educada* ou *A Anatomia da Crítica* nas salas de aula universitárias, além de pensarmos na possibilidade de aplicação de seus conselhos práticos para o ensino da literatura no país para além do ambiente universitário.